

Morador vive *via crucis*

Maria das Graças Santos esperava que ontem os caminhões-pipa da Caesb passassem pela Vila Paranoá para encher os quatro tambores de sua casa. Normalmente, segundo a moradora, os caminhões passam em 12 pontos da favela a cada três dias. Mas o calendário previsto por Maria foi contrariado e desde sexta-feira não consegue água nova para os tambores. Maria já começa a se preocupar, temendo que falte água para a higiene da filha cacula, de apenas dois meses de idade.

A preocupação de Maria é comum à maior parte dos moradores da invasão, que não conta com rede de abastecimento de água. A cada passagem dos caminhões-pipa acontece uma verdadeira guerra pela água. Desde domingo Maria das Gra-

ças está de olho no ponto de abastecimento 10, perto do Posto Policial. Um dos tambores de sua casa marca lugar na fila no posto.

Mas há outras alternativas, menos baratas, para o abastecimento no Paranoá. Uma delas é a adotada por Maria das Chagas, que mora com o marido e um irmão. Ela paga Cz\$ 600 a um homem para que encha os dois tambores de casa. O abastecimento é feito duas vezes por semana e mensalmente Maria e a família gastam Cz\$ 4 mil 800 pela água.

Não se sabe ao certo qual a origem da água, mas Maria das Chagas calcula que seja de uma mina do Lago Norte. Outra saída encontrada por alguns moradores é usar a água da chuva, quando há chuva.